



Oferenda à tempestade Dolores Redondo

Trilogia Baztán – Livro 3

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Oferenda à tempestade Dolores Redondo



Trilogia Baztán – Livro 3

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Dolores Redondo Meira, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Ana Maria Pinto da Silva, 2015
Todos os direitos reservados.
Título original: *Ofrenda a la tormenta*
Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency

Coordenação editorial: Algo Novo Editorial
Preparação e adaptação de texto: Ligia Alves
Revisão: Bárbara Parente e Wélida Muniz
Diagramação: Vanessa Lima
Adaptação de capa: Renata Spolidoro
Fotografia de capa: Mohamad Itani / Arcangel Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Redondo, Dolores

Oferenda à tempestade : livro 3 / Dolores Redondo ; tradução de
Ana Maria Pinto da Silva. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
480 p.

ISBN 978-85-422-2884-7

Título original: *Ofrenda a la tormenta*

1. Ficção espanhola I. Título II. Silva, Ana Maria Pinto
da

24-4251

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

SOBRE O APARADOR, um abajur iluminava o aposento com uma luz rosada quente que adquiria outros matizes ao se infiltrar através dos delicados desenhos de fadas que decoravam a cúpula. Das prateleiras, uma coleção de bichinhos de pelúcia observava com olhos brilhantes o intruso, que, em silêncio, estudava o ar calmo da bebê adormecida. Ele escutou, atento, o rumor da televisão ligada no quarto contíguo e a respiração forte da mulher que dormia no sofá, iluminada pela luz fria proveniente da tela. Passeou o olhar pelo quarto, examinando cada pormenor, enlevado pelo momento, como se assim pudesse se apropriar e guardar para sempre aquele instante, transformando-o num tesouro com o qual se deleitar eternamente. Com um misto de avidez e de serenidade, gravou na memória o suave desenho do papel de parede, as fotografias emolduradas e a bolsa que continha as fraldas e as roupinhas da menina, e deteve os olhos no berço. Uma sensação próxima à embriaguez invadiu seu corpo, e a náusea ameaçou se manifestar na boca do estômago. A menina dormia de costas, enfiada num pijama aveludado e coberta até a cintura por um edredom de florzinhas que o intruso retirou para poder vê-la. A bebê suspirou em sonhos, entre seus lábios rosados escorreu um fiozinho de baba que desenhou um rastro úmido em sua face. As mãozinhas gorduchas, abertas de cada lado da cabeça, tremeram de leve antes de ficarem de novo imóveis. O intruso suspirou, contagiado pela menina, e uma onda de ternura inundou-o um instante, apenas um segundo, o suficiente para fazê-lo se sentir bem. Pegou o bichinho de pelúcia que ficara sentado aos pés do berço como um guardião silencioso e quase se deu conta do cuidado com que alguém o havia colocado ali. Era um urso-polar de pelo branco, olhinhos pretos e barriga proeminente. Um laço vermelho, incongruente, envolvia seu pescoço e pendia até as patas traseiras. Com doçura, ele passou a mão pela cabeça do ursinho, apreciando sua suavidade, levou-o até o rosto e

enterrou o nariz no pelo de sua barriga para aspirar o doce aroma de um brinquedo novo e caro.

Sentiu o coração acelerar enquanto a pele se cobria de gotas de suor, começando a transpirar muito. Aborrecido de repente, afastou o ursinho do rosto furiosamente e, com ar determinado, colocou-o sobre o nariz e a boca da bebê. Em seguida, limitou-se a pressionar.

As mãozinhas se agitaram, elevando-se para o céu, um dos dedinhos da menina chegou a roçar o pulso do intruso, e um instante depois pareceu que mergulhava num sono profundo e reparador enquanto todos os seus músculos relaxavam e as estrelas-do-mar de suas mãos voltavam a repousar sobre os lençóis.

O intruso retirou o bichinho de pelúcia e observou o rostinho da menina. Não evidenciava sofrimento algum, exceto uma leve vermelhidão que havia aparecido na testa entre os olhos, provavelmente causada pelo narizinho do urso. Já não havia luz em seu rosto, e a sensação de estar diante de um receptáculo vazio aumentou ao levar de novo o boneco a seu próprio rosto para aspirar o aroma infantil, agora enriquecido pelo hálito de uma alma. O perfume era tão delicioso e doce que seus olhos se encheram de lágrimas. Suspirou agradecido, ajeitou o laço do ursinho e voltou a depositá-lo em seu lugar, aos pés do berço.

A urgência atormentou-o de repente, como se tivesse tomado consciência do quanto se demorara. Só se virou uma vez. A luz do pequeno abajur arrancou, piedosa, o brilho dos onze pares de olhos de outros bichinhos de pelúcia que, nas prateleiras, o fitavam horrorizados.

Capítulo 2

FAZIA VINTE MINUTOS QUE AMAIA observava a casa de dentro do carro. Com o motor desligado, o vapor que se formava nos vidros, aliado à chuva que caía lá fora, contribuía para borrar os perfis da fachada de venezianas escuras.

Um carro pequeno parou na frente da porta e dele saiu um rapaz que abriu o guarda-chuva ao mesmo tempo que se debruçava sobre o painel do carro a fim de tirar um caderno, que consultou por breves momentos antes de o atirar de novo lá dentro. Encaminhou-se até a parte traseira do carro, abriu o porta-malas, tirou um pacote e seguiu para a entrada da casa.

Amaia alcançou-o no exato momento em que tocava a campainha.

— Desculpe, quem é o senhor?

— Serviço social. Nós trazemos todos os dias o almoço e o jantar para ele — respondeu, apontando para a bandeja plastificada que levava na mão. — Não pode sair e não tem ninguém que tome conta dele — explicou. — A senhora é da família? — perguntou, esperançoso.

— Não — respondeu Amaia. — Polícia Foral.

— Ah! — exclamou o rapaz, perdendo o interesse.

O jovem voltou a tocar a campainha e, aproximando-se da soleira da porta, gritou:

— Senhor Yáñez, sou eu, Mikel, do serviço social. Está lembrado? Vim trazer o almoço.

A porta se abriu antes de o rapaz acabar de falar. O rosto seco e macilento de Yáñez surgiu diante deles.

— Claro que me lembro, não estou senil... E por que diabos você grita tanto? Também não sou surdo — respondeu o homem, mal-humorado.

— Claro que não, senhor Yáñez — respondeu o rapaz, sorrindo, enquanto empurrava a porta e passava pelo homem.

Amaia procurou o distintivo para mostrar a ele.

— Não é necessário — disse o homem, depois de reconhecê-la e desviando um pouco para lhe dar passagem.

Yáñez usava uma calça de malha canelada e uma blusa grossa sobre a qual vestira um roupão felpudo de uma cor que Amaia não soube identificar com a escassa luz que se infiltrava através das venezianas entreabertas, e que era o único foco de iluminação da casa. Seguiu-o pelo corredor até a cozinha, onde uma lâmpada fluorescente piscou várias vezes antes de acender.

— Então, senhor Yáñez! — exclamou o rapaz, demasiado alto. — Ontem não comeu o jantar! — Parado diante da geladeira aberta, tirava e colocava embalagens de comida embrulhadas em plástico transparente. — Já sabe que vou ter que anotar isso no meu relatório. Se depois o médico brigar com o senhor, não reclame. — O tom de voz do rapaz era o que ele usaria para falar com uma criança pequena.

— Pode escrever onde você quiser — balbuciou Yáñez.

— Não gostou da pescada com molho? — Sem esperar que lhe respondesse, continuou: — Hoje vou deixar carne com grão-de-bico, iogurte e, para o jantar, tortilha e sopa; de sobremesa, pão de ló. — Virou de costas e colocou na mesma bandeja os embrulhos de comida intactos, agachou-se debaixo da lava-louças, deu um nó no pequeno saco de lixo que só parecia conter um par de embalagens e encaminhou-se para a saída, para se deter à entrada, perto do homem, a quem se dirigiu de novo em voz alta demais: — Muito bem, senhor Yáñez, está entregue. Bom apetite e até amanhã.

Fez um gesto com a cabeça para Amaia e saiu. Yáñez esperou até ouvir a porta bater antes de falar.

— Que tal? E hoje até que ele demorou, geralmente não fica nem vinte segundos aqui; mal entra, já está louco para ir embora — disse, apagando a luz e deixando Amaia quase às escuras enquanto se encaminhava para a saleta. — Esta casa dá medo nele, e não o culpo: é como entrar num cemitério.

O sofá forrado de veludo castanho estava parcialmente coberto por um lençol, duas mantas grossas e uma almofada. Amaia deduziu que o homem dormia ali, que grande parte da vida dele transcorria naquele sofá. Viam-se migalhas em cima das mantas e uma mancha ressequida

e alaranjada semelhante a ovo. O homem se sentou, recostando-se na almofada, e Amaia o observou com atenção. Havia decorrido um mês desde que o vira na delegacia, pois devido à idade permanecia em prisão domiciliar, aguardando julgamento. Estava mais magro, e a expressão dura e desconfiada do rosto do homem o tinha afilado até deixá-lo com um aspecto de ermitão louco. O cabelo continuava curto e ele havia se barbeado, no entanto por debaixo do roupão e da blusa aparecia a parte de cima do pijama; Amaia se perguntou há quanto tempo vestia essa peça. Fazia muito frio na casa; ela reconheceu a sensação do lugar que não era aquecido havia vários dias. Diante do sofá, uma lareira apagada e uma televisão bastante nova e sem som que competia e ganhava em tamanho em comparação com a lareira, e derramava sobre o aposento sua gélida luz azul.

— Posso abrir os postigos? — perguntou Amaia, indo para a janela.

— Faça o que quiser, mas antes de ir embora deixe-os como estavam.

Amaia assentiu, abriu as portadas de madeira e empurrou as venezianas de modo a deixar entrar a escassa luz de Baztán. Virou-se para o homem e viu que concentrava sua atenção na televisão.

— Senhor Yáñez.

O homem estava concentrado na tela como se ela não estivesse ali.

— Senhor Yáñez...

Ele a encarou com ar distraído e um pouco aborrecido.

— Eu gostaria... — ela disse, fazendo um gesto para o corredor — ... eu gostaria de dar uma olhada.

— Vá, vá — respondeu o homem, fazendo um gesto com a mão. — Veja o que quiser, só peço que não faça bagunça. Quando os policiais vieram, deixaram tudo de pernas para o ar e eu tive muito trabalho para arrumar as coisas.

— Claro...

— Espero que tenha a mesma consideração que o policial que veio ontem.

— Um policial esteve aqui ontem? — surpreendeu-se Amaia.

— Sim, um policial muito amável, até me fez um café com leite antes de ir embora.



A casa era térrea, e, além da cozinha e da saleta, havia três quartos e um banheiro grande. Amaia abriu os armários e inspecionou as prateleiras, onde se viam produtos de barbear, rolos de papel higiênico e alguns medicamentos. No primeiro quarto dominava uma cama de casal onde ninguém parecia dormir havia muito tempo, coberta por uma colcha florida combinando com as cortinas, que estavam desbotadas no lugar onde o sol incidira durante anos. Sobre a penteadeira e as mesas de cabeceira, toalhinhas de crochê contribuía para aumentar o efeito de uma viagem no tempo. Um quarto decorado com primor nos anos 1970, sem dúvida pela esposa de Yáñez, que o homem mantivera intacto. Os vasos com flores de plástico e cores impossíveis deram a Amaia a sensação de irrerealidade das reproduções das salas que podiam ser vistas nos museus etnográficos, tão frias e inóspitas como túmulos.

O segundo quarto estava vazio, com exceção de uma velha máquina de costura colocada debaixo da janela e de um cesto de vime a seu lado. Ela se lembrava muito bem dele no relatório da busca. Ainda assim, tirou sua tampa para poder ver os retalhos de tecido, entre os quais reconheceu uma versão mais colorida e brilhante das cortinas do primeiro quarto. O terceiro quarto era de criança, assim o haviam denominado na busca, porque era isso mesmo que era: o quarto de um garoto de dez ou doze anos. A cama de solteiro, coberta por uma colcha branca imaculada. Nas prateleiras, alguns livros de uma coleção infantil, que ela se lembrava de ter lido, além de brinquedos, quase todos de montar, barcos, aviões e uma coleção de carrinhos de metal dispostos em paralelo e sem um grão de poeira. Atrás da porta, um pôster de um modelo clássico de Ferrari e, na escrivaninha, livros escolares antigos e um maço de figurinhas de futebol preso com elástico. Ela o pegou e reparou que a borracha do elástico estava seca e rachada e havia se soldado para sempre às figurinhas descoloridas. Recolocou-o no lugar enquanto comparava mentalmente a recordação do apartamento de Berasategui, em Pamplona, com aquele quarto gelado. Havia na casa mais dois cômodos: uma pequena lavanderia e um depósito de lenha bem abastecido, onde Yáñez havia reservado uma área para guardar as ferramentas e os utensílios de jardinagem, além de um par de caixotes de madeira abertos onde se viam batatas e cebolas. Num canto, junto à porta que dava para o exterior, havia um aquecedor a gás desligado.

Ela tirou uma cadeira da mesa da sala de jantar e a colocou entre o homem e a televisão.

— Quero lhe fazer umas perguntas.

O homem pegou o controle remoto que repousava a seu lado e desligou a televisão. Fitou-a em silêncio, aguardando com aquela sua expressão entre a fúria e a amargura que fez Amaia o catalogar como imprevisível desde a primeira vez que o viu.

— Me fale do seu filho.

O homem encolheu os ombros.

— Como era a sua relação com ele?

— É um bom filho — respondeu, com demasiada rapidez —, e fazia tudo o que se podia esperar de um bom filho.

— Como o quê, por exemplo?

Dessa vez, ele precisou pensar um pouco.

— Bem, ele me dava dinheiro, às vezes fazia compras, trazia comida, essas coisas...

— Não é essa a informação que eu tenho. Na aldeia dizem que depois da morte da sua esposa o senhor mandou o rapaz estudar no exterior, e que durante anos ninguém mais o viu por estas bandas.

— Estava estudando, estudava muito. Fez duas faculdades e uma pós-graduação. Ele é um dos psiquiatras mais importantes da sua clínica...

— Quando foi que ele começou a vir aqui com mais frequência?

— Não sei, talvez há um ano.

— Ele chegou a trazer alguma outra coisa além de comida, algo que ele guardasse aqui ou que talvez tenha pedido para o senhor guardar em outro lugar?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Dei uma olhada na casa — disse Amaia, olhando em redor. — Está muito limpa.

— Preciso mantê-la assim.

— Compreendo. O senhor a mantém assim para o seu filho.

— Não, eu a mantenho assim para a minha mulher. Está tudo do jeito que estava quando ela se foi... — Contraíu o rosto num esgar entre

a dor e o nojo, e ficou assim alguns segundos, sem emitir som algum. Amaia percebeu que ele chorava quando viu as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

— Foi a única coisa que eu pude fazer; me saí muito mal em todo o resto.

O olhar do homem saltitava errático de um objeto para outro, como se procurasse uma resposta escondida entre os adornos descoloridos que repousavam sobre as prateleiras e as mesinhas, até que se deteve nos olhos de Amaia. Pegou a ponta da manta e a puxou até cobrir o rosto; manteve-a assim por uns dois segundos e depois a afastou com fúria, como se com esse gesto se penalizasse por ter se dado ao luxo da fraqueza de chorar na frente dela. Amaia teve quase certeza de que aquela conversa terminava por ali, mas o homem levantou a almofada onde se apoiava e retirou lá de baixo uma fotografia emoldurada que fitou, enlevado, antes de estender a ela. O gesto do homem a transportou para um ano antes, para outra sala onde um pai desolado havia lhe estendido o retrato da filha assassinada, que havia mantido preservado debaixo de uma almofada semelhante. Não voltara a ver o pai de Anne Arbizu, mas a lembrança de sua dor revivida naquele outro homem a atingiu com força enquanto pensava em como a dor era capaz de irmanar nos gestos dois homens tão diferentes.

Uma jovem de não mais de vinte e cinco anos sorriu para ela do porta-retratos. Contemplou-a alguns segundos antes de o devolver ao homem.

— Eu pensava que nós tivéssemos a felicidade assegurada, sabe? Uma mulher nova, bonita, boa... Mas quando o menino nasceu, ela começou a ficar estranha, entristeceu, não sorria mais, não queria pegar a criança no colo, dizia que não estava preparada para amá-lo, que notava que ele a repudiava, e eu não soube como ajudá-la. Eu dizia a ela: que bobagem, como ele pode não gostar de você, e ela ficava ainda mais triste. Sempre triste. Mesmo assim mantinha a casa um brinco, cozinava todos os dias. No entanto, não sorria, não costurava, no tempo que tinha livre, só dormia, fechava as janelas tal como eu faço agora e dormia... Lembro como nos sentimos orgulhosos quando compramos esta casa. Ela a deixou tão bonita: nós a pintamos, colocamos vasos com flores... As coisas estavam indo bem conosco, pensei que nada mudaria.

Só que uma casa não é um lar, e esta se transformou no túmulo dela... e agora é a minha vez, prisão domiciliar, segundo as pessoas dizem. O advogado falou que, quando chegar o julgamento, vão me deixar cumprir a pena aqui, então esta casa será também o meu túmulo. Todas as noites eu fico neste lugar sem conseguir dormir e sentindo o sangue da minha esposa debaixo da minha cabeça.

Amaia olhou para o sofá com atenção. Seu aspecto não combinava com o resto da decoração.

— É o mesmo. Mande reformar porque estava coberto do sangue dela, e o homem o forrou com este tecido, porque não fabricavam mais igual ao de antes; é a única coisa que está diferente. Mas quando me deito aqui consigo sentir o cheiro do sangue que está embaixo da espuma.

— Está frio — disse Amaia, disfarçando o estremecimento que percorreu suas costas.

O homem encolheu os ombros.

— Por que não liga o aquecedor?

— Não funciona desde a noite em que acabou a luz.

— Já faz mais de um mês. Está sem aquecimento esse tempo todo?

Yáñez não respondeu.

— E quanto ao rapaz do serviço social?

— Só deixo entrar o rapaz da bandeja, e já falei para eles no primeiro dia que, se inventarem de vir aqui, vão ser recebidos a machadadas.

— O senhor tem a lareira também. Por que não a acende? Por que precisa passar frio?

— Não mereço mais.

Amaia se levantou, foi até o depósito e voltou trazendo um cesto cheio de lenha e de jornais velhos; agachou-se em frente à lareira e removeu a cinza antiga para acomodar os troncos. Pegou a caixa de fósforos que havia em cima do console e acendeu o fogo. Voltou para seu lugar. O olhar do homem estava fixo nas chamas.

— O quarto do seu filho também está muito bem conservado. Difícil acreditar que um homem como ele dormia ali.

— Não dormia. Às vezes ele vinha almoçar, às vezes ficava para o jantar, mas nunca dormia aqui. Ia embora e voltava de manhã bem cedo, me dizia que preferia ficar num hotel.

Amaia não acreditou. Já haviam checado e não constava que tivesse se hospedado em nenhum hotel, pousada ou casa rural do vale.

— Tem certeza?

— Acho que sim, já falei para os policiais. Não posso afirmar cem por cento, não tenho uma memória tão boa como digo que tenho para o pessoal dos serviços sociais. Às vezes me esqueço das coisas.

Amaia pegou o celular, que havia sentido vibrar pouco antes no bolso, e ao fazê-lo reparou que havia várias chamadas perdidas. Procurou uma foto, tocou na tela para aumentá-la e, evitando olhar para ela, mostrou-a ao homem.

— O seu filho veio com esta mulher?

— A sua mãe.

— Conhece? O senhor a viu nessa noite?

— Não a vi nessa noite, mas conheço a mãe dele a vida toda; está um pouquinho mais velha, mas não mudou tanto assim.

— Pense bem, acabou de me dizer que não tem uma memória muito boa.

— Às vezes esqueço de jantar, outras vezes janto duas vezes porque não lembro se já comi, mas não me esqueço de quem vem a minha casa. E a mãe dele nunca pôs os pés aqui.

Amaia apagou a imagem da tela e fez deslizar o celular para dentro do bolso do casaco. Colocou a cadeira no lugar e encostou as venezianas de novo antes de sair. Assim que se sentou no carro, digitou um número no celular, que continuava vibrando com insistência. Um homem atendeu do outro lado, recitando o nome da empresa.

— Sim, mandem alguém para consertar um aquecimento que está parado desde o último grande temporal. — Depois deu o endereço de Yáñez.

Capítulo 3

AMAIA ESTACIONOU PERTO DA FONTE DAS LÂMIAS E, cobrindo a cabeça com o capuz do casaco, transpôs o pequeno arco que separava a praça da rua Pedro Axular. Era possível ouvir os gritos claramente apesar do ruído da chuva. O rosto do inspetor Iriarte refletia toda a angústia e urgência que denunciavam suas insistentes ligações. Ele a cumprimentou com um gesto a distância, sem deixar de prestar atenção ao grupo que tentava refrear a fim de evitar que se aproximasse do carro-patrolha, em cujo interior um homem de aspecto cansado repousava a cabeça de encontro ao vidro da janela coberto de gotículas de chuva. Dois agentes tentavam, sem muito sucesso, formar um cordão de isolamento ao redor de uma mochila que se encontrava no chão no meio de uma poça d'água. Amaia apertou o passo para ajudá-los enquanto pegava o celular e pedia reforços. No mesmo instante, mais dois carros com as sirenes ligadas atravessaram a ponte de Giltxaurdi, conseguindo por um momento chamar para si a atenção da excitada multidão, que emudeceu, superada pelos uivos das sirenes.

Iriarte estava ensopado até os ossos; a água escorria pelo seu rosto, e, enquanto falava com Amaia, passou repetidas vezes as mãos pela face, tentando desviar rios de chuva que lhe alagavam os olhos. O subinspetor Etxaide surgiu como que por milagre de algum lugar com um enorme guarda-chuva que estendeu para eles antes de se reunir aos policiais que tentavam conter o grupo.

— Inspetor?

— O suspeito que está dentro do carro se chama Valentín Esparza. A filha de quatro meses faleceu ontem à noite enquanto dormia na casa da avó, a mãe da mãe. O médico atestou síndrome da morte súbita do lactente, o que por si só já é uma fatalidade. A questão é que a avó, Inés Ballarena, se apresentou ontem na delegacia. Era a primeira vez que a menina ficava na casa dela porque era o aniversário de casamento do

casal e os dois haviam saído para jantar. A mulher estava muito entusiasmada, até havia preparado um quarto para a neta. Deu a mamadeira para a menina, deitou-a e pegou no sono no sofá do quarto contíguo enquanto via televisão, embora jure de pés juntos que a babá eletrônica estava ligada. Um ruído a acordou, ela deu uma olhada no quarto da bebê e da porta viu que estava dormindo; então, ouviu um rangido do lado de fora da casa, no calçamento, como aquele barulho que os pneus fazem quando rodam em cima de pedrinhas, e, quando ela olhou pela janela, viu um carro se afastando; não reparou na placa, mas na hora pensou que era o carro do genro, que é grande e cinza — disse Iriarte, fazendo um gesto vago. — Então ela viu as horas. Afirma que eram quatro horas e pensou que talvez os pais da bebê tivessem se aproximado da casa depois da comemoração para ver se havia luzes acesas. A residência do casal fica ali perto, e não seria estranho. Não deu importância ao assunto. Voltou para o sofá e passou ali o resto da noite. Quando acordou, estranhou que a menina não tivesse chorado pedindo a mamadeira, e quando foi vê-la a encontrou morta. A mulher está bastante abalada, não suporta a culpa, mas, quando o médico determinou a hora da morte entre as quatro e as cinco da manhã, lembrou-se de que a essa hora alguma coisa a havia acordado, quando ouviu o carro na porta de casa, e antes disso garante que houve um barulho dentro da casa, provavelmente o que a fez acordar. Perguntou à filha, mas esta lhe disse que haviam chegado em casa por volta da uma e meia e, como havia muito tempo que não bebia, o vinho e uma taça de champanhe tinham sido suficientes para deixá-la tonta. Porém, quando perguntou ao genro, ele reagiu mal, ficou nervoso e não quis responder, chegou a se irritar e disse que devia ter sido algum casalzinho procurando um lugar tranquilo. Mas a mulher se lembrou de outra coisa: os cachorros não tinham latido. São dois no quintal, e ela garante que quando algum estranho chega perto, eles latem muito.

— O que você fez? — perguntou Amaia, passando o olhar pelo grupo, que, acovardado pela presença da polícia e pela chuva que nesse momento caía com mais intensidade, havia se deslocado até a porta da capela mortuária e rodeado uma mulher que, por sua vez, abraçava outra, que gritava, histérica, palavras incompreensíveis sufocadas pelo pranto.

— Aquela que está gritando é a mãe; a que está abraçada com ela é a avó — explicou o inspetor, seguindo o olhar de Amaia. — Bem, a mulher estava bastante alterada e abalada, não parou de chorar nem por um momento enquanto me contava o que aconteceu. Pensei que o mais provável fosse que procurasse uma explicação para uma coisa que é muito difícil de assumir. Era a primeira vez que deixavam a bebê para ela cuidar, a primeira neta na família. Estava arrasada...

— Mas?

— Ainda assim, liguei para o pediatra. Síndrome da morte súbita do lactente, sem sombra de dúvida. A menina nasceu prematura, tinha os pulmões pouco desenvolvidos e passou dois dos quatro meses de vida no hospital. Embora já tivesse recebido alta, esta semana o pediatra a examinou numa consulta porque estava resfriada, nada de importante, secreções, mas num bebê tão pequeno, abaixo do peso normal quando nasceu, o médico não teve dúvidas quanto à causa da morte. Há uma hora a avó compareceu de novo à delegacia, e eu decidi acompanhá-la porque ela insistia em afirmar que a menina tinha uma marca na testa, um pequeno círculo do tamanho de um botão, e que, quando comentou esse fato com o genro, ele havia mudado de assunto, ordenando que o caixão fosse fechado. Quando estávamos chegando à capela mortuária cruzamos com ele, que estava de saída. Estava carregando essa mochila, e quando o vi achei esquisito o jeito como a segurava. — Iriarte encolheu os braços sobre o peito, imitando o gesto e se aproximando do vulto molhado que a mochila formava no chão. — Caramba, aquilo não era jeito de segurar uma mochila. Assim que me viu ele ficou pálido e saiu correndo. Eu o alcancei perto do carro dele, e então o cara começou a gritar que o deixássemos em paz, que ele precisava acabar com aquilo.

— Acabar... com a vida?

— Achei que ele estivesse se referindo a isso. Pensei que ele poderia estar com uma arma na mochila...

O inspetor se abaixou junto à mochila e, renunciando ao abrigo que lhe haviam fornecido, colocou o guarda-chuva no chão como se fosse um abajur. Abriu o zíper da mochila e afrouxou a presilha de plástico que prendia o cordão. A penugem suave, escura e escassa, deixava visíveis as fontanelas ainda abertas na cabecinha da menina; a pele pálida

do rosto não deixava lugar para dúvidas, mas os lábios meio entreabertos ainda conservavam a cor, criando uma falsa aparência de vida que prendeu os olhares de ambos por alguns segundos eternos, até que o doutor San Martín, debruçando-se ao lado deles, quebrou o feitiço. Iriarte resumiu para o médico o que havia acabado de contar a Amaia, enquanto San Martín tirava da embalagem um cotonete de algodão e procedia à retirada da maquiagem oleosa que alguém havia aplicado com muito pouca habilidade acima do nariz da bebê.

— É tão pequena — comentou o doutor, com tristeza. Iriarte e Amaia o encararam, surpresos. O médico percebeu isso e disfarçou o desânimo se concentrando no trabalho. — Uma tentativa bastante amadora de esconder uma marca de pressão, com toda a probabilidade exercida sobre a pele no momento em que a bebê parou de respirar e que agora que a lividez se estabeleceu é visível a olho nu. Me ajudem aqui — pediu San Martín.

— O que você vai fazer?

— Preciso vê-la de corpo inteiro — respondeu, com ar decidido.

— Eu imploro que não faça isso. Aquele grupo ali é a família — disse Iriarte, fazendo um gesto para a capela mortuária —, a mãe e a avó da menina, e tivemos muita dificuldade para contê-las. Se virem o cadáver da bebê estendido no chão, podem enlouquecer.

Amaia olhou para San Martín e este assentiu.

— O inspetor tem razão.

— Nesse caso, sem tê-la na minha mesa não vou poder dizer a vocês se existem outros vestígios que indiquem maus-tratos. Sejam minuciosos quando processarem o local; uma vez tive um caso semelhante e acabaram encontrando a marca que o botão da capa do travesseiro havia deixado no rosto do bebê; mas posso dar a vocês uma informação que será muito útil nas buscas. — O médico remexeu no fundo de sua mala Gladstone e retirou um pequeno aparelho digital, que mostrou com orgulho. — É um paquímetro digital — explicou enquanto afastava as hastes metálicas, ajustando-as ao diâmetro da marca circular na testa da menina. — Aqui vocês têm — disse, apontando para o mostrador — 13,85 milímetros. É esse o diâmetro que vocês têm que procurar.

Eles se endireitaram para permitir que os técnicos colocassem a mochila num saco de transporte de cadáveres. Quando Amaia se virou,

reparou que alguns passos atrás o juiz Markina, que devia ter sido informado por San Martín, estivera a observá-los em silêncio. Debaixo do guarda-chuva preto e com a escassa luz que as nuvens densas deixavam passar, o rosto do juiz era sombrio, mesmo assim ela conseguiu vislumbrar o brilho dos olhos dele e a intensidade de seu olhar quando a cumprimentou, uma expressão que durou apenas um instante, mas que foi suficiente para obrigá-la a se sentir nervosa, procurando nos olhos de Iriarte e de San Martín o sinal inequívoco de que também haviam notado. San Martín dava ordens a seus técnicos enquanto resumia os fatos para o oficial de justiça plantado ao seu lado, e Iriarte observava com atenção o rumor crescente que pareceu percorrer o grupo de familiares, transformando-se um segundo depois em gritos irados que clamavam por respostas, misturados com redobrados uivos de dor da mãe.

— Temos que tirar este sujeito daqui — disse Iriarte, fazendo um gesto para um dos policiais.

— Levem ele para Pamplona — ordenou Markina.

— Assim que possível, meritíssimo, vou pedir um furgão a Pamplona e esta tarde o senhor o terá por lá, mas por enquanto vamos levá-lo para a delegacia. Nos vemos lá. — Iriarte se despediu de Amaia.

Esta assentiu, cumprimentou Markina com um breve gesto ao passar por ele e se encaminhou para o carro.

— Inspetora... Pode esperar um minuto?

Amaia parou e se virou para ele, mas foi o juiz quem avançou a fim de cobri-la com seu guarda-chuva.

— Por que não me telefonou? — Não era uma censura nem uma pergunta. O tom de voz do juiz tinha a sedução de um convite e o frescor do jogo.

O sobretudo cinza-escuro por cima de um terno do mesmo tom, a camisa branca impecável e uma gravata escura, pouco habitual nele, conferiam-lhe um aspecto sério e elegante que se encarregava de atenuar a mecha que lhe caía de lado sobre a testa e a barba de dois dias que trazia com estudado descuido. Sob o diâmetro do guarda-chuva, sua órbita de influência parecia se multiplicar, e o perfume caro que emanava da calidez de sua pele, além do brilho quase febril dos olhos dele, a encurralaram num daqueles seus sorrisos.

Jonan Etxaide veio colocar-se ao lado dela.

— Chefe, os carros estão cheios. Me dá uma carona até a delegacia?

— Claro, Jonan — respondeu Amaia, sobressaltada. — Meritíssimo, se nos der licença. — Ela se despediu e começou a andar na direção do carro ao lado do subinspetor Etxaide. Amaia não o fez, mas Etxaide se voltou para trás uma vez para olhar, e Markina, que continuava parado no mesmo lugar, respondeu-lhe com uma saudação.

